

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE TEXTOS NO LIVRO DIDÁTICO DE 9º  
ANO EM UMA ESCOLA URBANA COM ALUNOS CAMPONESES**

**Marabá-PA  
2021**

**MARIA DE LOURDES DOS REIS NERIS**

**REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE TEXTOS NO LIVRO DIDÁTICO DE 9º ANO EM UMA ESCOLA URBANA COM ALUNOS CAMPONESES**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade de Educação do Campo, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, apresentado como requisito para a obtenção do Título de Licenciada em Educação do Campo com habilitação em Letras e Linguagens.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra<sup>a</sup>. Maria Cristina Macedo Alencar

**Marabá-PA  
2021**

**Dados Internacionais de Catalogação em Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho da Unifesspa**

---

Neris, Maria de Lourdes dos Reis

Reflexões sobre a produção de textos no livro didático de 9º ano em uma escola urbana com alunos camponeses / Maria de Lourdes dos Reis Neris ; orientadora, Maria Cristina Macedo Alencar. — Marabá : [s. n.], 2021.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Marabá, 2021.

1. Livros didáticos - Avaliação. 2. Língua portuguesa (Ensino fundamental) - Estudo e ensino. 3. Educação Rural. I. Alencar, Maria Cristina Macedo, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 371.320981

---

Elaborada por Adriana Barbosa da Costa - CRB2/994

Dedico aos estudantes da turma do 9º da EMEF Pequeno Cristo, por terem feito parte e contribuído na minha pesquisa no ano letivo de 2017.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que tudo de bom permitiu e possibilitou que eu chegasse ao fim de mais uma jornada, com coragem e certeza de que eu iria até o fim.

Aos meus filhos, Caíque e Patric, por compreender a minha ausência e me ajudarem em casa nos trabalhos domésticos durante esse período do curso.

Às minhas sobrinhas Taina e Nicole que, apesar das dificuldades, sempre estiveram comigo me incentivando a continuar meus estudos. Obrigado por tudo.

Aos colegas de turma que me ajudaram no decorrer dessa caminhada, meus agradecimentos.

Aos professores do curso que muitos contribuíram para o meu crescimento acadêmico e também pessoal.

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Cristina Macedo Alencar pela paciência e dedicação que teve comigo durante as orientações deste trabalho.

Obrigada!

“Centrar o ensino na produção de textos é tomar a palavra do aluno como indicador dos caminhos que necessariamente deverão ser trilhados” (GERALDI, 2013).

## RESUMO

O presente estudo é uma reflexão sobre a produção de textos propostas no livro didático Português Linguagens do 9º ano do Ensino Fundamental, utilizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental - Pequeno Cristo, localizada no núcleo urbano na cidade de São Domingos do Araguaia-PA, que apesar de estar no núcleo urbano, tem presença massiva de alunos da zona rural, os quais têm que se deslocar quilômetros para ter acesso à escola. Deste modo, esta pesquisa tem como problema central: Como são abordadas as práticas de produção textual neste material didático? E, quais possíveis contribuições este recurso pode oportunizar no ambiente da sala de aula, neste contexto educacional específico? Tendo como objetivo refletir sobre a relação entre as atividades de produção textual propostas no livro e como/se elas dialogam com a realidade dos estudantes do campo. Para essa reflexão, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a partir da leitura de demais trabalhos acadêmicos sobre a temática e a facção de fichamentos e resenhas. Procedeu-se à descrição e análise de uma unidade temática do livro didático, cuja reflexão foi pautada por teóricos como Antunes (2003), Arroyo (2001), Caldart (2011), Costa Val (2011), Geraldi (1996, 2011, 2013), Koch e Elias (2018), Marcuschi (2016), Ponte (2004), Ploeg (2008), Rojo (2009), que contribuíram na definição da noção de texto e práticas de produção de textuais que orientaram nossa análise. De modo que se compreendeu que a proposta de produção textual abordada no livro possibilita trazer textos que contribuem no desenvolvimento da capacidade crítica do aluno. No entanto, o professor de linguagens deve ser o sujeito mediador desse processo de aprendizagem, tendo o livro didático como umas das ferramentas para se realizar o objetivo da aprendizagem do aluno, não como único recurso e guia deste processo.

**Palavras-chave:** Livro didático. Produção de textos. Aluno do campo.

## ABSTRACT

The present study is a reflection on the production of texts proposed in the textbook Portuguese Languages of the 9th year of Elementary School, used at the Municipal Elementary School - Pequeno Cristo, located in the urban center in the city of São Domingos do Araguaia-PA, that despite being in the urban center, there is a massive presence of students from the rural area, who have to travel kilometers to access the school. Thus, this research has as its central problem: How are the practices of textual production approached in this teaching material? And, what possible contributions can this resource provide in the classroom environment, in this specific educational context? Aiming to reflect on the relationship between the textual production activities proposed in the book and how / if they dialogue with the reality of students in the field. For this reflection, a bibliographic research was carried out, from the reading of other academic works on the theme and the faction of records and reviews. We proceeded to the description and analysis of a thematic unit of the textbook, whose reflection was guided by theorists such as Antunes (2003), Arroyo (2001), Caldart (2011), Costa Val (2011), Geraldi (1996, 2011, 2013 ), Koch and Elias (2018), Marcuschi (2016), Ponte (2004), Ploeg (2008), Rojo (2009), who contributed to the definition of the notion of text and textual production practices that guided our analysis. Thus, it was understood that the textual production proposal addressed in the book makes it possible to bring texts that contribute to the development of the student's critical capacity. However, the language teacher must be the mediating subject of this learning process, with the textbook as one of the tools to achieve the student's learning objective, not as the only resource and guide of this process.

**Keywords:** Textbook. Text production. Peasant student



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES.

<b>Figura 1</b> - Sede de São Domingos do Araguaia.....	14
<b>Figura 2</b> – Zona Urbana de São Domingos do Araguaia.....	15
<b>Figura 3</b> - Escola da Comunidade.....	18
<b>Figura 4</b> - Escola Pequeno Cristo.....	29
<b>Figura 5</b> - Atividade de Produção textual.....	45
<b>Figura 6</b> - Atividade de análise linguística.....	46
<b>Figura 7</b> - Atividade Gramaticais.....	47
<b>Figura 8</b> - Atividade gramaticais.....	48
<b>Figura 9</b> - Atividade de produção de texto.....	49
<b>Figura 10</b> - Atividade gramaticais.....	50

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional comum curricular
CNE	Conselho Nacional de Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMATER	Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural
FECAMPO	Faculdade de Educação do Campo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILLA	Instituto de Letras Linguística e Artes
LD	Livro Didático
LDB	Lei de Diretrizes e Base da Educação
LP	Língua Portuguesa PDDE Programa Dinheiro Direta na Escola
PDE	Programa de Desenvolvimento Escolar
PPC	Projeto Pedagógico da Educação do Campo
PPP	Projeto Político
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. A ESCOLA E OS USOS DA ESCRITA NA VILA AÇAIZAL.....</b>	<b>13</b>
2.1 A VILA AÇAIZAL .....	13
2.2 O ACESSO À ESCOLA NA VILA AÇAIZAL.....	17
2.3 PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO COTIDIANO DA VILA AÇAIZAL.....	24
<b>3 ESTUDANTES DO CAMPO EM ESCOLA URBANA: O CASO DA ESCOLA PEQUENO CRISTO .....</b>	<b>26</b>
3.1 PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO .....	30
3.2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS DEMANDAS DOS SUJEITOS DO CAMPO .....	32
<b>4. USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....</b>	<b>35</b>
4.1 O QUE SE ENSINA QUANDO SE ENSINA LÍNGUA PORTUGUESA?.....	35
4.2 GÊNEROS TEXTUAIS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA .....	38
4.3 ANÁLISES DAS PROPOSTAS DE PRODUÇÃO DE TEXTOS NO LIVRO DIDÁTICO .....	38
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz uma reflexão sobre a produção de textos no livro didático do 9º ano em uma escola urbana com alunos camponeses. O livro analisado é *Português Linguagens*, utilizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Pequeno Cristo, em uma turma do 9º ano. A escola Municipal de Ensino Fundamental Pequeno Cristo fica localizada na Rua Nova Jerusalém, s/nº, Bairro Novo São Domingos, São Domingos do Araguaia- PA.

A escola está situada em área urbana, mas atende uma demanda de alunos camponeses, sendo a maioria da Vila Açaizal, onde realizamos nossas pesquisas tempo comunidade (TC) I, II e III. Decidimos analisar a proposta de produção de texto no livro didático, considerando a realidade dos estudantes dessa comunidade.

A pesquisa tem como objetivo geral, descrever e analisar a proposta de atividade destinada à produção de texto no livro didático de língua portuguesa do 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pequeno Cristo. Tendo como objetivos específicos: verificar como a proposta de produção de texto contida no livro didático do 9º contribui para o desenvolvimento da escrita; E, como as condições de produção no 9º ano são estabelecidas através da mediação do professor. Para alcançar os objetivos, utilizamos a metodologia qualitativa de caráter bibliográfico e analítico. Realizamos pesquisas bibliográfica em cinco TCC's, dois produzidos no Instituto de Letras Linguísticas e Artes (ILLA/UNIFESSPA) e três na Faculdade de Educação do Campo e nos TCC's do Curso de Letras do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Sendo que apenas um aborda sobre produção textual, e os demais tratam apenas sobre aspectos de leitura.

Os principais teóricos que nortearam este trabalho foram: Antunes (2003), Costa Val (2011), Caldart (2011), Koch e Elias (2018), Rojo (2003) e outros.

O trabalho está dividido em três capítulos: A escola e os usos da escrita na Vila Açaizal; Estudantes do campo em escola urbana: o caso da escola Pequeno Cristo; O uso do livro didático no ensino de Língua Portuguesa. No primeiro capítulo, apresentamos o contexto histórico e o uso da escrita na Vila Açaizal. No segundo capítulo, abordamos o atendimento da escola urbana aos estudantes camponeses. No terceiro capítulo, refletimos sobre o uso do livro didático no ensino de Língua Portuguesa.

## 2. A ESCOLA E OS USOS DA ESCRITA NA VILA AÇAIZAL.

Neste capítulo, apresentamos a comunidade de Vila Açaizal, isso se faz necessário por que percebemos que é importante no ensino de língua portuguesa considerar aspectos culturais relacionados ao letramento dos alunos. Apresentamos também a escola, onde realizei minhas pesquisas Socioeducacionais I a IV e o Estágio Docência I, bem como, reflexões sobre os usos da escrita na Vila.

### 2.1 A VILA AÇAIZAL

A formação em licenciatura em Educação do Campo, na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), organiza-se por meio do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de graduação. O artigo 1º do PPC estabelece que:

O objetivo do curso de graduação em licenciatura em educação do campo do curso da UNIFESSPA é preparar educadores para uma atuação profissional específica junto às populações que trabalham e vivem no e do campo, o que inclui a docência e a gestão dos processos educativos no entorno, construindo novas bases de organização do trabalho escolar e pedagógico, a partir de estratégias de formação para a docência multidisciplinar em uma organização curricular por áreas do conhecimento. (UNIFESSPA, 2019, p. 1)

Para que os objetivos sejam alcançados, o curso se realiza por meio da alternância pedagógica, entre momentos de estudo na universidade, da realização de pesquisas socioeducacionais e estágios docências, como mostra o artigo 4º deste mesmo projeto:

O curso de graduação em Licenciatura em Educação do Campo constitui-se –á de 04 (quatro) áreas de conhecimento sendo que cada uma acarretará ênfase específica do curso, sendo elas: Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Linguagens e Letras ou Ciências Humanas e Sociais ou Ciências Agrárias e da Natureza ou Matemática. O curso divide-se á em (i) tempo Universidade, subdividido em Núcleo comum e Núcleo Específico, (i i) Tempo – Comunidade, subdividido em Núcleo de pesquisas Socioeducativa e Núcleo de Estágios – Docência e (i i i) Núcleo de Atividades Livres, sendo dessa forma orientado pela alternância pedagógica de tempo e espaço formativos (PPC, 2019, p. 2).

Durante quatro semestres, realizei minha pesquisa e o Estágio Docência I na Vila Açaizal, comunidade localizada a 5 km da sede do município de São Domingos do Araguaia, cuja população, no ano de 2019, era de 555 habitantes, segundo a Secretaria deste município. De modo que, a escolha por este local de pesquisa se deu em função do trabalho como

professora que já realizei na escola da comunidade, o que me possibilitou a construção de vínculos com os moradores.

A Vila Açaizal, de acordo com moradores da localidade, começou a ser formada no ano de 1959, quando ainda era município de São João do Araguaia-PA. Segundo um dos primeiros moradores da vila, entrevistado na Pesquisa Socioeducativa (NERIS, 2015), o qual, para fins da pesquisa, nomearemos E1, quando ele chegou na localidade, existiam muitas castanheiras e bastantes pés de açaí, o que motivou o nome da Vila. Segundo o relato de E1, nesse tempo não havia muitos posseiros. Ou seja, a terra era de quem chegasse primeiro e tomasse posse, não era comprada.

Naquela época, segundo os relatos coletados, além da facilidade de conseguir terra para trabalhar, a castanha-do-pará também era farta e sua colheita era uma das principais atividades agrícolas da região. Com o interesse na exploração da castanha do Pará, foram surgindo as veredas para os castanhais e sendo criadas as vicinais e, portanto, mais moradores foram chegando, e a Vila aumentando. Assim, aumentava também a necessidade de outros meios de locomoção. Até então, toda viagem era feita a pé ou de jumento, sendo este o principal meio de transporte na época.

**Figura 1** - São Domingos do Araguaia.



Fonte: NERIS, 2015. Arquivo Próprio

**Figura 2** - Zona Urbana de São Domingos

**Fonte:** NERIS, 2015. Arquivo Próprio

Em 1964, quando São Domingos do Araguaia ainda era distrito de São João do Araguaia, os moradores abriram uma estrada ligando São Domingos à São João do Araguaia passando pela Vila Apinajés. Isso facilitou o transporte da castanha, que era levada de tropa de burro até a beira do Rio Araguaia e de lá, seguia de barco pelo Rio Tocantins até Marabá-PA. Em 1972, foi construída a BR-153, que atravessa a Vila Açaizal e se estende até São Geraldo do Araguaia-PA, melhorando o acesso aos castanhais e também, a outras localidades. Com a abertura da Fazenda Oito Barracas, na época, de propriedade do Sr. Carlos Holanda, as viagens passaram a ser feitas de trator. Melhorou também a comunicação, já era possível mandar um recado ou uma carta para alguém distante, pois estes eram os únicos meios de comunicação da época. Não houve nenhum relato a respeito dos indígenas da aldeia Suruí apesar de ficarem perto da Vila Açaizal. O primeiro comércio na Vila Açaizal foi do Senhor Miguel, onde se vendiam itens básicos para subsistência.

Segundo relato de morador da Vila Açaizal, na região, houveram conflitos de terra, o mais marcante e mais tenso, aconteceu em 1980, quando agricultores sem-terra tiveram conhecimento que os castanhais pertencentes a família Mutran possuía apenas o título de aforamento. Sabendo disso, um grupo formado de oito homens iniciou a ocupação da área dos



castanhais, hoje conhecida por Cuxiú. Esse grupo contou com a ajuda de membros da Igreja Católica na conscientização dos agricultores, no sentido dos seus direitos à terra para trabalhar e garantir o sustento de suas famílias, o que os encorajou na reivindicação aos lotes de terra, e assim, aumentar o número de ocupantes e de área ocupada dos castanhais do Cuxiú 41, 42, 43 e 44 e São Benedito, hoje, conhecido como Projeto de Assentamento Paulo Fonteles, Veneza e Brasispanha.

Só houveram conflitos durante a ocupação do Cuxiú, neste processo, os agricultores se organizaram em grupos, para desenvolver suas atividades na divisão de lotes, ficando vários grupos espalhados na mata, demarcando os lotes com picadas feitas de facão. Após a divisão da terra, com todos já em seu lote, iniciaram os conflitos entre os agricultores, ditos “posseiros” e pistoleiros dos grileiros. Foram grandes os conflitos, mas não houve mortes, mas, houveram despejos realizados pela polícia. As famílias dos agricultores foram trazidas em caminhões até a sede de São Domingos, contudo, não foram presas e logo voltaram para seus lotes, continuaram a luta pela terra e seus direitos foram garantidos, pois receberam os documentos de posse dos lotes.

Em 27 de dezembro de 1991, São Domingos do Araguaia foi emancipado, deixando de ser distrito de São João do Araguaia. Em outubro de 1992, foi eleito o primeiro prefeito municipal de São Domingos do Araguaia, o Senhor Moisés Soares. Em 11 de fevereiro de 1993, a Vila Açaizal foi contemplada com instalação de energia elétrica. Em 2005, foi inaugurado o sistema de água da Vila Açaizal, na gestão do então prefeito municipal Francisco Fausto Braga. Em 2010, foi instalada uma fábrica de farinha e um laticínio na comunidade gerando emprego e renda, pois a mandioca e o leite são comprados dos trabalhadores rurais daquela região. Logo após, foi inaugurada uma fábrica de tijolos, que também gerou muitos empregos.

O acesso ao serviço de saúde, porém, sempre foi feito na cidade de São Domingos do Araguaia. Até hoje, não há um posto de saúde na Vila. Nos primeiros anos do povoado, quando alguém adoecia procurava a farmácia do Senhor Barbadinho, médico de São Domingos. De acordo com os moradores, o médico só visitava a comunidade nos tempos das eleições. Com a Guerrilha do Araguaia e a militarização da região, médicos militares vinham realizar consultas na escola José Luís Cláudio, na sede de São Domingos.

Além das dificuldades enfrentadas pelos moradores da Vila para ter acesso à saúde, ainda conviveram com o terror da Guerrilha do Araguaia, “um movimento revolucionário popular, que atingiu seu ápice entre os anos de 1972 e 1975, no Sul do Estado do Pará e Norte do atual Estado do Tocantins” (TIESE, 2016, p. 91) Essa foi uma época em que os militares, de



acordo com os entrevistados, torturavam e chamavam de terroristas qualquer força contrária a deles, porém, eram os militares quem praticavam o terrorismo na região (NERIS, 2015).

Na Vila Açaizal não há muitas opções de lazer, apenas um campo de futebol, onde os jovens jogam todas as tardes. Deste modo, com frequência, eles vão para a sede de São Domingos para se divertirem. Além disso, as festas religiosas são consideradas um momento de lazer, como os festejos de São Francisco e Santo Reis. O primeiro, teve início em 1970 e foi realizado até os dias atuais, no período de 25 de setembro a 4 de outubro. Após o festejo, teve início a construção da Igreja Católica, sendo o Padre Roberto, da ordem dominicana, o primeiro Padre a celebrar uma missa em Vila Açaizal. Segundo o relato de moradores da Vila, o Padre Roberto, é uma figura de grande importância para a comunidade, tem a sua história marcada pela resistência, sendo uma das vítimas da ditadura militar no período da Guerrilha do Araguaia.

O segundo, o festejo de Santo Reis, foi iniciado em 1997, comemorado no dia 06 de janeiro, com a celebração da missa, a reza do bendito pelas mulheres, seguido do jantar e das danças tradicionais, da mangaba e lindor. Nestes festejos, participam também moradores de comunidades vizinhas.

## 2.2 O ACESSO À ESCOLA NA VILA AÇAIZAL

Na Vila Açaizal há uma escola que atende crianças da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. Trata-se da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente Ferrer Holanda Criada, cuja área de construção em alvenaria é 120m<sup>2</sup>. Foi fundada no ano de 1977, por um movimento político idealizado pelo Senhor Raimundo, professor que presenciou as dificuldades e lutas dos filhos dos primeiros moradores de Vila Açaizal para acesso à escola e uma educação de qualidade.

Organizados, os moradores, por volta do ano de 1969, decidiram contratar o Senhor Pedro Jaca como professor particular. Naquele momento, a escola funcionava em local cedido pelos próprios moradores. Devido às dificuldades financeiras da comunidade, a escola fechou por falta de pagamento ao professor.

**Figura 3** - Escola da Comunidade.



**Fonte:** NERIS, 2017 Arquivo pessoal

Depois de algum tempo, chegou, na Vicinal Nova Descoberta, o Professor Raimundo, vindo de São João do Araguaia. Contudo, não havia alunos suficientes. O professor teve que procurar os moradores da Vila Açaizal para lecionar também às crianças da comunidade, entrando em acordo com os pais sobre seu pagamento. Porém, depois de um tempo, apareceu um fiscal da Prefeitura de São João do Araguaia que interferiu no funcionamento da escola que, mais uma vez, teve que fechar as portas por falta de pagamento.

Em 1973, deu-se início a guerrilha do Araguaia e com isso parte dos moradores foram embora da Vila. Ainda no ano de 1973, o Senhor Raimundo Professor foi contratado pelo poder público para lecionar, iniciando suas atividades em uma casa cedida pela moradora Maria Ribeiro Leite. Nesse período, a escola recebeu o nome de Escola Estadual da Vila Açaizal e funcionava em uma única sala com turmas multisseriadas.

No ano de 1974, Raimundo Professor foi substituído por Maria Conceição Silva Almeida e Magnal Vilarins. Foi um período muito conturbado, pois foi em meio a Guerrilha do Araguaia. A Senhora Conceição relata que para trabalhar tinha que chegar à Vila a pé, sempre com muito medo, pois sempre encontrava pela estrada uma Senhora chamada Rosinha, guerrilheira, que estava sendo procurada pelo exército. A escola funcionava em um barracão com duas turmas de alfabetização, pela manhã e à tarde, sem nenhuma estrutura física.

Novamente, as aulas foram interrompidas por falta de pagamento aos professores, e os alunos foram prejudicados. Diante disso, deu-se início ao movimento idealizado pelo senhor Raimundo Professor, pela implantação de uma escola fixa na Vila Açaizal que de fato atendesse à necessidade de aprendizagem dos alunos.

No ano de 1975, na gestão do então Prefeito Municipal José Freire Falcão, a escola foi municipalizada e recebeu o nome de Escola Municipal Vicente Ferrer Holanda e continuou funcionando com os mesmos professores. Nesse mesmo ano, foram construídas uma sala, uma secretária, um banheiro e uma cozinha. Não havia poço de água potável, nem água encanada. As serventes tinham que buscar água nos vizinhos para fazer limpeza e merenda, como relatou a Senhora Laurides Ferreira, servente e responsável pela escola na época. Ela contava com a ajuda de Dona Sonia do Socorro, que também passou a ser a professora responsável. No primeiro ano, a escola recebeu duas turmas multisseriadas que somavam, aproximadamente, 90 alunos, no horário da manhã e tarde com séries iniciais. (ARQUIVO DA ESCOLA V. F. HOLANDA).

Com o crescimento das turmas, no ano de 1998, houve a necessidade de criar mais uma sala de aula. A partir dessa necessidade, foi improvisada uma sala na igreja católica da comunidade para que desse início à ampliação da escola. Em 2003, foi inaugurada mais uma sala de aula e dois banheiros, o que permitiu que a escola passasse a funcionar em dois horários. Mesmo com mais uma sala de aula continuou-se com as turmas multisseriadas, pois o número de alunos só aumentava.

No ano de 2004 foi necessário criar os turnos intermediário e noturno, pois somente com os dois horários de funcionamento da escola já não era possível atender à demanda da Comunidade. Neste ano, a escola já atendia também a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

**Quadro 01:** Organização das turmas da escola M.E.F.V.F.H. de 2003 a 2019:

Ano	Turmas	Horário	Quantidade de aluno por turma	Total
2004	Pré-escolar 1 e 2 multisseriadas	Manhã	15	101
	1ª série			
	2ª série	Manhã	16	
	3ª série	Intermediário	17	
	4ª série	Intermediário	15	
	1ª Etapa (EJA)	Vespertino	18	
2005	Pré-escolar 1	Manhã	20	90
	Pré-escolar 2	Manhã	19	
	1ª e 2ª séries multisseriadas	Tarde	25	
	3ª e 4ª séries multisseriadas			
		Tarde	26	
2006	Pré-escolar 1	Manhã	22	110
	Pré-escolar 2	Manhã	23	
	1ª e 2ª série multisseriadas	Tarde	30	
	3ª e 4ª série multisseriadas			
		Tarde	32	
2007	Pré-escolar 1	Manhã	22	107
	Pré-escolar 2	Manhã	23	
	1ª e 2ª série multisseriadas	Tarde	30	
	3ª e 4ª série multisseriadas			
		Tarde	32	
2008	Pré-escolar 1	Manhã	23	102
	Pré-escolar 2	Manhã	22	
	1ª e 2ª série multisseriadas	Tarde	28	
	3ª e 4ª série multisseriadas			
		Tarde	29	
2009	Pré-escolar 1	Manhã	22	104

	Pré-escolar 2 1ª e 2ª série multisseriadas 3ª e 4ª série multisseriadas	Manhã Tarde  Tarde	23 31  28	
2010	Pré-escolar 1 Pré-escolar 2 1ª e 2ª série multisseriadas 3ª e 4ª série multisseriadas	Manhã Manhã Tarde  Tarde	25 19 30  32	106
2011	1ª e 2ª ano multisseriadas 3ª ano 3ª série 4ª série	Manhã  Manhã Tarde Tarde	32  15 28 10	85
2012	Pré-escolar 1 e 2 multisseriados 1ª e 2ª ano multisseriadas 3ª e 4ª ano multisseriadas 4ª série	Manhã  Manhã  Tarde  Tarde	27  29  30  20	106
2013	Pré-escolar 1 Pré-escolar 2 1ª e 2ª multisseriadas 3ª ano 4ª ano 5ª ano	Manhã Manhã Intermediário  Intermediário Vespertino Vespertino	21 14 32  18 16 14	115
2014	Pré-escolar 1 e 2 multisseriados 1ª e 2ª ano multisseriadas 3ª ano 4ª e 5ª ano multisseriadas	Manhã  Manhã  Tarde Tarde	22  30  22 34	108

2015	Pré-escolar 1 e 2 multisseriados 1ª ano 2ª ano 3ª ano 4ª e 5ª ano multisseriados	Manhã  Manhã Intermediário Intermediário Vespertino	24  25 20 21 25	115
2016	Pré-escolar 1 e 2 multisseriados 1ª e 2ª ano multisseriadas 3ª ano	Manhã Manhã Tarde  Tarde	22 24 26  27	99
2017	Maternal e pré-escolar 1 multisseriadas 2ª ano Pré-escolar 2 3ª ano 1ª ano 4ª e 5ª ano multisseriadas	Manhã  Manhã Intermediário Intermediário Vespertino Vespertino	21  25 09 16 9 26	106
2018	Maternal e pré-escolar 1 multisseriadas 1ª e 2ª ano multisseriadas 3ª ano 4ª e 5ª ano multisseriadas	Manhã  Manhã  Tarde Tarde	24  17 28 24	93
2019	Maternal e pré-escolar 1 e 2 multisseriadas 1ª e 2ª ano multisseriadas 3ª ano 4ª e 5ª ano multisseriadas	Manhã  Manhã  Tarde Tarde	24  21  26 25	96

Fonte: Secretaria da Escola Vicente Ferrer Holanda

Assim, no período da manhã (7h às 11h) funcionavam as turmas de pré-escola 1ª série; no turno intermediário (11h às 15h) funcionavam as turmas de 2ª e 3ª séries e no período da tarde (15h às 19h) a turma de 4ª série. A turma da EJA era atendida no período da noite (19h às 22h). Este foi o único ano em que a escola atendeu a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Em 2010, a escola foi adequada às exigências da lei nº 11.274/2006 ampliou o Ensino Fundamental para nove anos de duração, com matrícula de crianças de seis anos de idade e estabeleceu o prazo de implantação, pelos sistemas, neste mesmo ano. No ano de 2019, a escola atendeu 96 alunos, distribuídos em 4 turmas multisseriadas nos turnos da manhã e tarde. No turno da manhã, havia uma turma do maternal e pré-escolar 1 e pré-escolar 2, com 24 alunos de 3 a 5 anos de idade e uma turma de 1º e 2º ano formada por 21 alunos de 6 a 8 anos de idade. No turno da tarde, havia uma turma do 3º ano formada por 26 alunos, na faixa etária de 8 a 9 anos de idade e uma turma de 4º e 5º ano formada por 25 alunos na faixa etária de 10 a 15 anos de idade. Neste período, a escola contou com 14 funcionários, sendo uma diretora, uma secretária, quatro serventes, dois vigias e seis professores. Todos os professores eram graduados, sendo quatro licenciados em Pedagogia e dois licenciados em Letras.

De acordo com informações da direção, a escola tem o objetivo de formar cidadãos críticos e capazes de sobreviver com respeito e dignidade. Isso consta na minuta do Projeto Político Pedagógico da escola, o qual ainda está em fase de elaboração. Quando a diretoria foi indagada sobre o porquê de não se oferecer as séries finais do Ensino Fundamental, a direção informou que não há professores para todas as disciplinas e, por isso, seria mais fácil levar os alunos para a escola na cidade, pois a Secretaria de Educação disponibiliza um ônibus escolar (NERIS, 2019).

Deste modo, devido à falta de oferta do Ensino Fundamental completo na Vila Açaizal, tivemos que realizar os Estágios Docência II, III e IV fora da comunidade, realizando nossas observações nas escolas da cidade, onde as crianças da Vila Açaizal frequentavam o Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Assim, a Pesquisa Socioeducacional V e Estágio docência II, com realização de atividades de intervenção em turmas do 9º ano, foram realizados na Escola Municipal de Ensino Fundamental Pequeno Cristo. Já, as pesquisas socioeducativas VI e VII e os estágios docência III e IV, observação e realização de atividades de intervenção em turmas do 1º ao 3º ano do ensino médio, foram realizadas na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Elza Maria Corrêa Dantas. Sobre a falta do Ensino Fundamental II na Vila Açaizal, a partir do que pude observar ao longo das pesquisas I, II e III, a E.M.E.F. Vicente Ferrer Holanda não oferece o Ensino Fundamental II, pela insuficiência do espaço escolar, que possui apenas duas salas de aula. E, também, por responsabilidade da Prefeitura Municipal que opta por investir recursos públicos em transporte escolar do que no estabelecimento de uma escola com condições e infraestruturas necessárias para

funcionamento na comunidade. De modo que é necessário que a comunidade reclame melhorias na escola para o atendimento dos alunos, assim como, eles manifestaram-se contra o fechamento da escola.

### 2.3 PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO COTIDIANO DA VILA AÇAIZAL

Entendemos por letramento o uso da leitura e da escrita em situações de interação nos espaços sociais. Sobre isso, Rojo (2009), diz que "Letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais, é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e a escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social" (SOARES. Apud, ROJO, 2009, p. 96). Assim, práticas de letramentos são ações reais do uso da leitura e da escrita na interação social e individual, interligadas a eventos de letramento, condições em que acontecem as interações por meio da leitura e da escrita entre os participantes.

É importante que o professor conheça as práticas de letramento da comunidade, pois a partir delas, ele pode-se criar condições para que os alunos participem de várias práticas do uso da leitura e da escrita, com atividades que façam sentidos para o aluno e que atendam de fato as suas necessidades de aprendizagem.

Ao analisarmos os relatórios de pesquisa que produzimos nas Pesquisas Socioeducacionais I e II, observamos que os usos da língua escrita na Vila Açaizal se realizam no contexto do trabalho, de práticas religiosas e de práticas de lazer da população. Muitas famílias vivem da criação de gado e do cultivo da mandioca. Também há muitos moradores que trabalham no comércio na sede de São Domingos do Araguaia. A criação de gado é incentivada pelo fato de a Vila Açaizal possuir um laticínio e uma fábrica de farinha e de tijolos. Assim, os pequenos agricultores participam de práticas de letramentos na esfera jurídica, a partir de relações burocráticas com os bancos, quando demandam o acesso à linhas de créditos, que perpassam a assistência técnica do projeto lumiar e o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura (PRONAF) (NERIS, 2015). Para acessar os recursos desses programas federais, os agricultores devem procurar a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) a fim de obterem assistência técnica na elaboração dos projetos para o qual solicitam financiamento. Neste processo, eles têm de responder a alguns questionários e assinar, além de organizar a juntada de documentos, como o documento de posse da terra, testemunhas e conta de luz, por exemplo. Depois do projeto ser aprovado pela EMATER, era encaminhado ao Banco do Brasil ou Banco da Amazônia, em que o agricultor assina um contrato, denominado Cédula Rural, no qual há a descrição do valor do financiamento e das prestações a serem pagas, além das taxas de juros. De acordo com um agricultor, antes da assinatura do contrato era solicitado que fizessem a leitura.



Essas demandas nos mostram como as famílias da comunidade precisam desenvolver habilidades de leitura e compreensão de gêneros textuais diversos, por muitas vezes complexos, tais como: formulários, projeto, relatório, questionário, cédula rural, documento de posse da terra, contrato financeiro.

No âmbito das práticas religiosas, observamos que na vila há duas Igrejas, a Igreja Católica e a Assembleia de Deus. Em Neris (2015), percebe-se que nas igrejas realizam-se leituras da Bíblia, hinos e ensaios de grupos de cântico; fazem-se pregações do evangelho, ministram-se aulas na escola dominical e catequese para crianças e jovens. Dentre os católicos, muitos participam da equipe organizadora do festejo de Santo Reis. Na atividade de organização da festa, são realizados orçamentos para compra de materiais, cartazes para divulgação da festa, convites para as comunidades vizinhas e ofícios para o poder público, solicitando apoio para realização do festejo.

Nas atividades de lazer da comunidade, os jovens organizam torneios em todas as atividades festivas, como a festa junina, o festejo de São Francisco e o festejo de Santo Reis. A divulgação desses torneios é realizada com antecedência por meio da confecção de cartazes e distribuição na comunidade e nas localidades vizinhas. Na organização desses eventos, são disponibilizadas fichas de inscrição, tabelas com datas e horários dos jogos, tabelas de pontuação das equipes.

Deste modo, identificar as práticas de letramentos da comunidade da Vila Açaizal foi de fundamental importância, pois através dessa experiência foi possível reconhecer as necessidades de aprendizagens dos educandos, moradores da referida comunidade, com vistas a ampliar a participação desses estudantes em práticas de leitura e escrita em contextos formais e informais. Assumimos que aquilo que é ensinado na escola precisa de ações que visem formar cidadãos críticos e capazes de promover as mudanças que os sujeitos do campo consideram importantes em suas vidas na comunidade. E, além de tudo, as práticas de letramento no contexto escolar dialoguem com as práticas do cotidiano dos alunos.

### 3 ESTUDANTES DO CAMPO EM ESCOLA URBANA: O CASO DA ESCOLA PEQUENO CRISTO

Como mencionado no tópico anterior, realizamos o nosso Estágio Docência II na Escola Municipal de Ensino Fundamental Pequeno Cristo porque na vila Açaizal não há oferta das séries finais do Ensino Fundamental. De modo que realizamos os Estágios Docência III e IV, em turmas do Ensino Médio, na Escola Estadual de Ensino Médio Elza Maria Correa Dantas.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Pequeno Cristo fica localizada na região central de São Domingos do Araguaia- Pará. Foi inaugurada em 06 de agosto de 1984. Primeiramente, criada como escola estadual a partir da reivindicação dos moradores do Bairro Novo São Domingos que demandam uma escola pública que atendesse os filhos dos moradores da comunidade. Seu funcionamento teve início com duas salas de aula pequenas, uma secretária e um banheiro. Era uma construção coberta de palha, a qual funcionava nos três turnos: manhã, intermediário e vespertino, com um quadro de pessoal composto por dez funcionários: seis professores, duas secretárias, e duas serventes. Com a matrícula inicial de 105 alunos, distribuídos em turmas formadas por 35 alunos nos três turnos (LOPES, 2010).

**Figura 4** - E. M. E. F. Pequeno Cristo.



**Fonte:** NERIS, 2017 Arquivo pessoal.

Em 1997, a escola foi municipalizada e recebeu o nome de Escola Municipal de Ensino Fundamental Pequeno Cristo, passando a ofertar a Educação Infantil, o Ensino Fundamental completo e turmas da EJA. Atualmente, a escola possui prédio próprio, ocupa uma área de 6.800 m<sup>2</sup>, tendo ainda uma parte construída de tábuas, mas a maioria das salas são construídas de alvenaria. Possui 10 salas de aula e uma biblioteca que funcionava também como sala de atendimento aos alunos do Programa Mais Educação; uma secretaria, uma diretoria, dois banheiros, uma cantina um galpão onde era servida a merenda aos alunos e uma quadra poliesportiva onde são realizadas as aulas de educação física e os eventos organizados na escola.

A escola tem conselho escolar ativo e acesso aos recursos do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), Programa de Desenvolvimento Escolar (PDE) e o Programa Novo Mais Educação. Esse último tem como objetivo melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental, por meio da ampliação da jornada de crianças e adolescentes na escola.

No ano de 2019, a escola tinha 70 funcionários distribuídos em: cinco auxiliares administrativos, um digitador, cinco merendeiras, quatro serventes, seis vigias, dois coordenadores pedagógicos, uma diretora, uma vice-diretora e quarenta e cinco professores que atuavam no ensino fundamental I e II e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A matrícula inicial da escola, nesse mesmo ano, foi de 546 alunos, distribuídos em três turnos. No turno da manhã, funcionavam 10 turmas, atendendo alunos do 5º ao 9º ano. No turno da tarde, funcionavam seis turmas: uma do 1º ano, uma do 2º ano, uma do 3º ano, duas do 4º ano, uma do 5º ano e uma do 6º ano. No turno da noite, eram atendidos os alunos do EJA em turmas de 1ª a 4ª etapas.

Em 2019, haviam 299 alunos matriculados no Ensino Fundamental II. E, dentre esses, 78 eram estudantes oriundos de várias localidades rurais do município de São Domingos do Araguaia, conforme apresentado na tabela 01 a seguir:

**Tabela 01:** N° de estudantes do campo por turma, comunidades de origem e distância até a escola EMEF. Pequeno Cristo.

Turmas	N° de alunos	Vila Açaizal 5km	Vicinal Sair do Sol- 30 km	Vila Nazaré 5 km	Comunidade Esc. Boa Esperança 15 km	Bela Vista-SJA 10 km	Vila São José 9km	Vicinal do Zuca 10 km	Vicinal Almescão 20 km	Rodovia Transamazônica 15 km	Faz. Santa Luzia 15 km	Vicinal Cachoeira 18 km	PA Sol nascente 10 km	N° de alunos do campo por turma	%
6° ano A	39	9												9	23
6° ano B	35	13	1											14	40
6° ano C	37	5		1	1									7	19
7° ano A	42	7				1	1	1						10	24
7° ano B	38	4	3						1					8	30
8° ano A	25	4								1				5	20
8° ano B	26	5					1	1			1	1		9	35
9° ano A	30	5				1	1							7	23
9° ano B	27	8											1	9	33
Total	29	60	4	1	1	2	3	2	1	1	1	1	1	78	26

Fonte: Secretaria da EMEF. Pequeno Cristo (2019).

Observa-se na tabela 01, que 26% dos alunos da EMEF. Pequeno Cristo, em 2019, eram alunos do campo. Esses estudantes vinham de 12 diferentes comunidades rurais, até a comunidade de Cajazeira, que fica localizada no município de São João do Araguaia. Essas comunidades estão localizadas em distâncias que variam de 5 a 30 km da cidade de São Domingos do Araguaia, sendo as mais próximas às Vilas Açaizal e Vila Nazaré (5km) e a mais distante a Vicinal Sair do Sol (30 km).

Exatamente 77% dos estudantes camponeses matriculados na EMEF. Pequeno Cristo, no ano de 2019, residiam na Vila Açaizal, onde foram realizadas as Pesquisas Socioeducacionais I, II, III e o Estágio Docência I. Acreditamos que, devido à pequena distância da Vila até a cidade a Secretaria de Educação do município de São Domingos do Araguaia não se esforça por garantir a oferta de todos no Ensino Fundamental na escola da comunidade e opta por investir no transporte escolar em vez de garantir que as crianças e jovens permaneçam o mais próximo de sua casa.

Ainda refletindo sobre essa característica da Vila Açaizal, por estar tão próxima do núcleo urbano, foi questionado se de fato a Vila Açaizal pode ser considerada área rural, tendo em vista essa especificidade. Após realizar algumas leituras sobre o tema, vimos que de acordo com Ponte (2004, p. 27) “o rural deve ser entendido como um território criado pelas relações econômicas, sociais e políticas que a população do campo estabelece com a terra”. Neste sentido, entendemos que a relação com a terra seria o principal elemento para definir o rural. Assim, podemos considerar a Vila Açaizal como uma área rural pois, a maioria dos moradores tem lote, onde fazem roça, plantam, colhem, criam animais e vivem do que produzem na terra.

Outros autores, como Veiga apud, Marcuzzo e Ramos, (2005, p. 6) classificam como rurais “os municípios de pequeno porte que possuem até 50 mil habitantes e menos de 80 hab./km<sup>2</sup>, os municípios com mais de 100 mil habitantes são considerados centros urbanos”. São Domingos do Araguaia, por exemplo, possui apenas 23.160 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, sua característica é rural, a escola deveria seguir as orientações dos princípios da educação do campo, com respeito às especificidades dos alunos, de modo que não é a distância que identifica o rural em relação ao urbano.

Como lembra Ploeg (2008, p. 53) “não existe uma demarcação bem definida para distinguir, de forma definitiva, ‘preto no branco’, o camponês do empresário agrícola. Da mesma forma, não existem linhas de fronteira claras separando o campesinato da população não-agrícola”. Dito isso, consideramos que a escola deve levar em conta as especificidades socioculturais dos educandos do campo, respeitar as diferentes formas de identificação social e contribuir com a formação de valores e conhecimentos necessários ao desenvolvimento de suas

potencialidades para participação com autonomia na sociedade. A este respeito disso, Caldart (2011, p. 110) compreende que “a sociedade como um todo tem o dever de construir tanto escolas do campo como escolas da cidade”.

### 3.1 PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Para refletir neste trabalho como uma escola urbana pode dialogar com as necessidades de aprendizagem dos alunos do campo, consideramos importante iniciar esta reflexão trazendo uma definição sobre a identidade das escolas do campo. De acordo com a RESOLUÇÃO Nº 1/2002, do Conselho Nacional de Educação (CNE), que instituiu as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo:

[...] a identidade das escolas do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciências e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associam as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (Diretrizes Operacionais para Educação do Campo 2002, Dicionário da Educação do Campo, 2012, p. 328)

Ainda que estejamos neste trabalho refletindo sobre uma escola localizada em área urbana, se faz necessário considerar as especificidades dos alunos camponeses, reconhecendo que estes alunos são sujeitos que têm uma identidade, uma ligação com o trabalho no campo e a escola precisa respeitar, valorizar e contribuir com aprendizagens que façam sentido na vida dos alunos em sua comunidade. Temos clareza de que isso se apresenta como um desafio para a escola, uma vez que:

Reconhecer e valorizar implica construir e desencadear processos educativos, dentro e ao redor e no entorno da escola que não destruam a autoestima dos sujeitos pelo simples fato de serem do meio rural; de serem sem-terra; de serem filhos de assentados; filhos de agricultores familiares; extrativistas; ribeirinhos; quebradeira de coco [...] (ANTUNES, ISABEL apud, MOLINA, 2009, p. 32).

Acreditamos que a escola deve pensar em estratégias que ajudem a reafirmar as identidades dos alunos camponeses. Para tanto, é necessário que a escola leve em consideração as necessidades de aprendizagens dos alunos e também, as condições para que de fato essas aprendizagens aconteçam. Nesse sentido, o Decreto 7352/2010, que dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, em seu artigo 2º inciso IV, afirma a necessidade de “Valorização da identidade da escola do campo por meio



de projetos pedagógicos com conteúdo curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas”.

Sendo assim, é de fundamental importância que a escola respeite as formas de vida dos estudantes camponeses, visto que, a maioria participa das atividades de manutenção do lote e trabalha na roça com seus pais. No tempo de colheita nem todos podem ir à escola, a ela cabe construir formas de contribuir com as aprendizagens dos alunos e, ao mesmo tempo, pensar na qualidade da educação que eles recebem e na realidade em que vivem, sem esquecer que além de estudar, eles também trabalham. Isso coloca a necessidade de a escola estar aberta ao diálogo e ao reconhecimento da diversidade cultural. Portanto, mesmo estando situada em área urbana e atender os alunos camponeses, seria interessante a Escola Pequeno Cristo incluir em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) ações que possam contribuir com respeito às identidades, com formação de valores e conhecimentos, que façam sentidos na vida dos alunos, considerando os princípios da educação do campo. Conforme Caldart (2011).

Construir uma escola do campo significa pensar e fazer a escola a partir do projeto educativo dos sujeitos do campo, tendo o cuidado de não projetar para ela o que sua materialidade própria não permite; trazer para dentro da escola as matrizes pedagógicas ligadas às práticas sociais; combinar estudos com trabalho com cultura, com organização coletiva, com postura de transformar o mundo...prestando atenção às tarefas de formação específicas do tempo e do espaço escolar; pensar a escola a partir do seu lugar e dos seus sujeitos, dialogando sempre com a realidade mais ampla e com as grandes questões da educação, da humanidade (p. 157)

Assim, para a Escola Pequeno Cristo atender os alunos camponeses, seria interessante seguir orientações dos princípios da Educação do campo. Embora a Vila Açaizal, onde reside a maioria dos alunos camponeses que a escola atende, esteja próxima do núcleo urbano. Esses princípios também devem ser levados em consideração pelos professores da escola em suas práticas pedagógicas, mesmo a escola estando situada em área urbana sua localização apresenta característica rural. Como citamos no tópico anterior, onde Marcuzzo e Ramos (2001) classificam “como rurais os municípios de pequeno porte que possuem até 50 mil habitantes e menos de 80 hab./km<sup>2</sup>, os municípios com mais de 100 mil habitantes são considerados centros urbanos (VEIGA apud MARCUZZO, RAMOS, 2001, p. 6).

Levando em consideração os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é importante citar que o município de São Domingos do Araguaia possui apenas 23.160 habitantes, como já citamos no tópico anterior, entretanto, por ser uma cidade com



características rurais, seria importante todas as escolas do município de São Domingos do Araguaia considerar os princípios da educação do campo.

### 3.2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS DEMANDAS DOS SUJEITOS DO CAMPO

A Pesquisa Socioeducacional IV, Estágio docência I foi realizada na EMEF. Vicente Ferrer Holanda, localizada na Vila Açaizal, sendo cumpridas 20h de observação em sala de aula, durante um mês, no período de 18 de abril a 19 de maio de 2017.

Nas observações realizadas durante o Estágio Docência I na EMEF. Vicente Ferrer Holanda, percebemos as dificuldades que têm os alunos camponeses em realizarem as atividades de leitura e escrita. A turma observada no Estágio I era uma turma multisseriada que atendia 28 estudantes dos 4<sup>a</sup> e 5<sup>o</sup> anos do Ensino Fundamental, composta por 28 alunos, na faixa etária de 11 a 17 anos de idade. Apesar de já estarem no final do Ensino Fundamental I, a maioria desses alunos ainda não sabia ler (NERIS, 2015).

Essas dificuldades foram observadas durante as aulas de Língua Portuguesa. A professora da turma ministrava as aulas de todas as disciplinas. Ela solicitava aos alunos que lessem um texto e, a partir da leitura, produzissem seus próprios textos, conforme registramos em diário de campo durante realização da Pesquisa Socioeducacional IV Estágio Observação. Na medida em que os alunos tentavam fazer a atividade, a professora passava de mesa em mesa ajudando os alunos a produzirem seus textos, mas a maioria tentava e não conseguia fazer a atividade proposta pela professora. Alguns entregaram, mas nem todos conseguiram produzir o texto.

Conforme tratamos no capítulo anterior, ao concluírem o 5<sup>o</sup> ano, essas crianças precisam mudar para uma escola da cidade. A maior parte delas são atendidas pela EMEF. Pequeno Cristo. Por isso, optamos por realizar a Pesquisa Socioeducacional V e o Estágio Docência II 2<sup>a</sup> Etapa Intervenção, sendo cumpridas 20 horas de intervenção em sala de aula durante dois meses, no período de 04 de setembro à 09 de novembro de 2017, em uma turma do 9<sup>o</sup> ano desta escola. A turma funcionava no período da manhã e era composta por 23 alunos, 11 meninos e 12 meninas, na faixa etária de 15 a 18 anos de idade. Parte dos alunos moravam no bairro onde fica a escola e outros vinham de comunidades rurais.

Durante o estágio nesta turma, observamos que independentemente de serem do campo ou da cidade, todos os alunos apresentavam dificuldades nas atividades de leitura e produção textual, como registrado em nosso diário de campo durante uma aula de intervenção: “O



momento de produção do texto foi muito difícil, antes de propor a atividades de produção era apresentado o gênero, eles podiam escolher o tema, após a escolha era escolhido o destino do texto, mas os alunos disseram que não sabiam escrever. E na escola era a atividade mais difícil que achavam (NERIS, 2017).

Durante as aulas, busquei estimular os alunos a fazerem as atividades, porém, a maioria falava que não sabia escrever. Para facilitar, sugeri que fizessem novamente uma leitura do texto de referência, e que eles poderiam escrever até mesmo uma letra semelhante à que leram. Essa foi a única saída para convencê-los a escrever, caso contrário, eles não iriam escrever nada. Após bastante tempo, começaram a produção, no final da aula, entregaram, porém, nem todos finalizaram.

Ao observar as dificuldades que têm os alunos em leitura e escrita, sabendo que o livro didático orienta as atividades na Escola Municipal de Ensino Fundamental Pequeno Cristo, surgiu a necessidade de investigar se essas atividades atendem de fato a necessidade de escrita dos alunos camponeses.

Observei também que todos os alunos do campo nessa turma ajudavam seus pais nas atividades na roça. Alguns chegavam atrasados porque antes de ir para a escola tinham de ajudar seu pai a tirar leite. Ressalto que parte dos trabalhadores da Vila Açaizal vivem da renda do leite. Os jovens que não trabalhavam com o pai, trabalhavam com outros agricultores no horário que não estavam na escola. Eles tinham de conciliar o horário escolar no turno da manhã, com o trabalho na roça no turno da tarde. Esses jovens dependiam do transporte escolar e nem todos os dias podiam contar com ele. Em função disso, muitas vezes perdiam aulas.

Essa realidade dos estudantes do campo se colocava como um desafio para a EMEF. Pequeno Cristo, pois, apesar de estar situada em área urbana, a escola atende um número significativo de estudantes do campo. Isso impunha à escola considerar no seu currículo a dinâmica de funcionamento da realidade desses estudantes, pois “conhecimentos totalmente descontextualizados desfavorecem, assim, um ensino mais reflexivo e uma aprendizagem mais significativa” (MOREIRA; CANDAU, 2007, p. 24).

Para que as escolas urbanas possam organizar e selecionar conteúdos relevantes e significativos para os estudantes do campo que integram seu corpo discente é necessário que a escola reconheça o campo como um espaço social, de formação de identidades e de sujeitos que, assim como os sujeitos da cidade, têm direito à educação de qualidade, com adequações necessárias às peculiaridades da vida no campo. Nesse sentido, a (LDB 9394/96), diz no artigo 28 que:



Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I-conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II-organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III- adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Dessa forma, a escola deve oferecer conteúdo interessante por meio do desenvolvimento de projeto de pesquisa que proporcione a aprendizagem dos alunos, que sejam de acordo com o contexto em que eles vivem, levando em consideração as condições de vida dos alunos, pois, além de estudarem, eles também trabalham. Isso significa que nem todos os dias eles podem ir à escola, principalmente, em tempo de colheita do arroz. Sobre isso, Arroyo (2001, p. 15) diz: “A escola não pode ter uma lógica temporal contrária à lógica do tempo da vida, da produção camponesa onde ela está inserida”.

Um desafio para as escolas da cidade atenderem estudantes camponeses é organizar seu calendário atentando para o tempo desses alunos que, em certas épocas do ano, param de ir às aulas porque precisam colher o arroz, pois essa é uma das atividades que o agricultor não pode deixar para depois. Por isso, as condições dos alunos camponeses têm que ser compreendidas pela escola, desde as dificuldades do acesso, até as condições de aprendizagem dos conteúdos abordados sem vínculo com a vida deles em suas comunidades. Pois de acordo com Caldart, Paludo e Doll onde dizem que:

Se as aprendizagens não vierem ao encontro das necessidades, possivelmente teremos como consequência o desinteresse em aprender por parte dos jovens. Por isso, muito especialmente, a escola deve se constituir num espaço onde se construam relações cotidianas (CALDART; PALUDO; DOLL, 2006, p.107).

Quando a escola não oferece conteúdos interessantes para os alunos camponeses, eles podem perder o interesse na aprendizagem e por isso, podem ter muitas dificuldades na realização das atividades propostas em sala de aula. Constatamos que estes alunos têm mais dificuldades nas atividades de produção de texto que os alunos da cidade. Essas atividades, frequentemente, são orientadas pelo Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP). A partir disso, a necessidade de verificar a proposta de produção de textos no livro utilizado na turma onde realizamos nosso Estágio Docência II, atentando se os gêneros propostos para a produção de textos tinham relevância para os alunos do campo

#### 4. USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Refletimos aqui sobre as propostas de produção de textos constantes no LDLP, utilizado na turma do 9º ano do Ensino Fundamental, onde realizamos nosso Estágio Docência II. Consideramos, nesta análise, os objetivos do ensino de LP, independente do contexto, campo ou cidade, segundo os referenciais teóricos que tratam desse tema e as orientações constantes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) Na qual se destaca como uma das competências específicas de Língua Portuguesa “Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem” (BNCC, 2017, P. 8) Com isso, entendemos que cabe aos estabelecimentos de ensino promover condições para que os estudantes possam desenvolver com autonomia suas competências discursivas.

##### 4.1 O QUE SE ENSINA QUANDO SE ENSINA LÍNGUA PORTUGUESA?

Para Geraldi (2011) as aulas de LP devem promover o ensino da língua e da metalinguagem. Além do ensino da Norma Padrão, a escola deve oportunizar e valorizar o ensino de outras normas de linguagens. Da mesma forma, Antunes (2009) afirma que:

Saber falar e escrever em contextos formais, estar inserido no mundo de comunicação virtual, saber apreciar os valores literários e todas as expressões da cultura, ter consciência das imensas possibilidades de criação e de participação social promovidas pelo uso da linguagem constituem o amplo espectro do que poderiam ser os objetivos do ensino da língua (ANTUNES, 2009, p. 40).

Para que os objetivos mencionados por Antunes (2009) sejam alcançados é necessário que o professor de LP não limite sua prática somente ao ensino da metalinguagem e de regras gramaticais. Para Geraldi (2011), a prática do professor de LP se orienta segundo sua concepção de linguagem, da qual, muitas vezes, ele não tem consciência, mas reproduz. De acordo com o autor, pode-se distinguir três grandes concepções de linguagem que têm orientado o ensino de LP nas escolas brasileiras: a linguagem como *expressão do pensamento*, a linguagem como *instrumento de comunicação*, a linguagem como *forma de interação*.

A 1ª concepção, a linguagem como *expressão do pensamento*, diz respeito aos estudos tradicionais, que assumiam a linguagem como meio de materializar e traduzir o pensamento. Segundo essa concepção, acredita-se que “pessoas que não conseguem se expressar não pensam” (GERALDI, 2011, p. 41). Na 2ª concepção, a linguagem como *instrumento de*

*comunicação*, é vista como um código neutro cuja função é transmitir mensagens de um emissor a um receptor, estabelecendo-se uma comunicação. Nessa concepção a língua é vista como um sistema de códigos, “conjunto de signos que se combinam segundo regras” (GERALDI, 2011, p. 41). A 3ª e última concepção, a linguagem como *forma de interação*, entende que a linguagem se constitui na relação entre os sujeitos, que os sentidos são construídos a partir dessa relação que é situada de forma sócio-histórica.

Dessa forma, admite-se que os aspectos socioculturais são constitutivos dessa interação e dos sentidos nela produzidos. Nessa concepção, entende-se que “mais do que possibilitar a transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é [...] lugar de interação humana” (GERALDI, 2011, p. 41). Acreditamos que essa concepção de linguagem possibilita ao professor de LP desenvolver práticas de ensino que dialoguem com as demandas de aprendizagens dos sujeitos do campo. Dito isso, consideramos importante evidenciar a concepção de texto que orientou nossa análise do LD.

Koch e Elias (2018) ressaltam que numa concepção interacional da linguagem a escrita é vista como forma de interação, tendo em vista que para sua realização o produtor recorre aos seus conhecimentos e mobiliza várias estratégias com vistas a orientar a construção dos sentidos do texto pelo interlocutor. Sendo assim, para o exercício da escrita é necessário um planejamento por parte do professor, como mediador das atividades e, através da interação deve incentivar os alunos para o desempenho da produção de texto.

Entendemos com Rojo (2003) que “o texto é a base do trabalho em Língua Portuguesa”. Essa autora ressalta que o ensino de LP deve se realizar por meio de atividades de leitura e compreensão de textos, de produção de textos escritos, produção e compreensão de textos orais e as atividades de reflexão sobre os conhecimentos linguísticos.

Essa perspectiva, está intrinsecamente relacionada ao que também afirma Geraldi (2011) quando ressalta que o ensino de LP deve ser focado em três práticas: práticas de leitura, produção de textos e análise linguística. Não nos deteremos em apresentar aqui a síntese das reflexões do autor sobre a prática de leitura, apesar de admitirmos que as atividades de leitura e produção são indissociáveis. Para não nos distanciarmos do foco deste trabalho, focaremos aqui nas sugestões de Geraldi (2011) acerca da prática de produção de textos.

Sobre a prática de produção de textos na escola, o autor afirma que essa prática precisa ter significado. Ou seja, os textos produzidos pelos alunos devem ter um destino do qual eles precisam ter conhecimento logo no início do ano. A prática de análise linguística, segundo Geraldi (2011), deve se realizar a partir da leitura e análise dos textos produzidos pelos alunos

nas aulas de produção de textos. Cabe ao professor selecionar um problema a ser analisado em cada aula.

Ainda na visão de Geraldi (2013, p. 135) “a produção de textos orais e escritos é o ponto de partida do processo de ensino-aprendizagem da língua. É no texto que a língua se revela em sua totalidade”. Segundo o autor, os textos materializam discursos. Nos textos, os sujeitos articulam um ponto de vista sobre o mundo. O autor ressalta que por mais ingênuo que possa parecer, para produzir um texto em qualquer modalidade é preciso que:

- a) se tenha o que dizer;
  - b) se tenha uma razão para dizer;
  - c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
  - d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz para quem diz (ou, na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo);
  - e) se escolhem estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d)
- (GERALDI, 2013, p. 137).

Nesse sentido, ter o que dizer não é seguir a escola e dizer o que a escola manda, mas levar para a escola o que a escola não sabe. Razões para dizer são as motivações do que se tem a dizer, para dizer a quem se diz, levando em consideração as modalidades orais e escritas, observando estratégias diferentes. Infelizmente, atualmente, a escola continua a preparar o aluno para produzir redações e não textos, pois, na produção de textos são levados em conta o contexto de produção bem como o de circulação, condições em que o aluno possa expressar sua visão de mundo.

Costa Val (2011), na mesma perspectiva do que nos apresentou Geraldi (2013), afirma que “produzir um texto escrito implica escolher um determinado gênero discursivo e essa escolha se faz em função de para que se escreve, para quem se escreve, em que esfera e sobre que suporte deverá circular o texto produzido” (COSTA VAL, 2011, p. 129). Refletindo sobre a produção de textos na escola, Antunes (2009) afirma que para decidir sobre as atividades de produção de textos para os alunos, o professor não deve continuar na prática da escrita sem leitor, sem destinatário e sem referência. A escrita na escola deve ter sentido para o aluno, o qual deve se sentir motivado para escrever. Não se deve simplesmente propor uma escrita de frases soltas ou sobre as datas comemorativas.

Geraldi (2011) sugere o trabalho com textos narrativos, com temas voltados para economia e política e textos dissertativos-normativos, como regimento da escola, correspondência, carta-emprego, por exemplo, para as atividades de produção de textos no 9º ano. Para o autor, no 9º ano o aluno deve expressar sua opinião através dos textos.

## 4.2 GÊNEROS TEXTUAIS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Faremos aqui uma reflexão sobre o ensino de língua, no entendimento que para o ensino de língua portuguesa acontecer, é necessário ensinar considerando o uso da língua. Sobre isso, Geraldi (1996) argumenta que deve ser levado em consideração as diferentes instâncias sociais dos usos da língua, “pois os processos interlocução se dá no interior das múltiplas e complexas instituições de uma dada formação social” (GERALDI, 1996, p. 28). Neste sentido, observa-se que a língua é um produto da história, visível pelos seus usos nos diferentes espaços sociais de interação pela linguagem em instâncias públicas e privadas, pois nelas circulam os tipos de textos e os gêneros textuais. Segundo Marcuschi (2008), “os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção” (MARCUSCHI, 2008, p. 154,155). Caso prevaleça um modo, num determinado texto concreto, ele é narrativo ou argumentativo ou expositivo ou descritivo e injuntivo.

O tipo narrativo tem a função de narrar, ou seja, de contar um relato, uma história, o tipo argumentativo expressa o ponto de vista, defendendo uma hipótese, uma opinião ou uma teoria, o texto expositivo visa transmitir uma mensagem da melhor maneira possível, ou seja, de forma bem clara, o texto descritivo é aquele que expõem as características e jeitos dos objetos, o texto injuntivo tem a função de fornecer instruções. Já, os gêneros textuais são todas as maneiras de produções humanas orais ou escritos que circulam socialmente.

Os gêneros textuais exercem papel importante na interação, pois os textos estão presentes nas duas instâncias de uso da língua, é por meios dos gêneros textuais orais e escritos que acontece a comunicação. Segundo Marcuschi (2008). “Os gêneros são formas textuais, escritas ou orais, bastante estáveis, histórica e socialmente situados” (MARCUSCHI, 2008, P. 155). É por meio dos gêneros textuais que se realiza o ensino em sala de aula e a participação dos alunos nas atividades de produção de texto se dá em instância pública do uso da linguagem. Por isso, sendo a escola espaço de diversidade é necessário ter conhecimento dos gêneros que circulam nessas instâncias para poder considerar o uso da língua em cada uma delas e a partir disso propor atividades de produção de texto que dialoguem com a realidade dos alunos.

## 4.3 ANÁLISES DAS PROPOSTAS DE PRODUÇÃO DE TEXTOS NO LIVRO DIDÁTICO

O LD é um grande aliado do professor e também do aluno no processo de ensino-aprendizagem. Para Batista (2003, p. 27) “o livro didático tem por principal função estruturar

o trabalho pedagógico em sala de aula”. Assim, é importante citar que o livro didático é fundamental, pois ajuda o professor a planejar e ministrar a aula, possibilitando a aprendizagem do aluno que, às vezes, é o único material didático que ele tem acesso.

Visando melhorar o ensino aprendizagem do aluno da escola pública, foi criado o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). De acordo com Batista (2003), o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)

é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC). Seus objetivos básicos são a aquisição e a distribuição universal e gratuita de livros didáticos para os alunos das escolas públicas do ensino fundamental brasileiro. Realiza-se por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), autarquia federal vinculada ao MEC e responsável pela captação de recursos para o funcionamento de programas voltados para o ensino fundamental (BATISTA, 2003, p. 25).

Vale ressaltar que o foco desta análise são as propostas de produção de texto contidas no livro. O LD utilizado na turma do 9º, onde realizamos o Estágio Docência II, era distribuído pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) intitulado Português- Linguagens de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães e publicado pela Editora Saraiva. Avaliamos a 9ª edição reformulada no ano de 2015. O livro é organizado em quatro unidades, cada uma com três capítulos. No final de cada unidade, é proposto um projeto nomeado de “intervalo”, para ser desenvolvido de acordo com o tema da unidade. Cada capítulo está organizado em seções: “Estudo do texto”, na qual são propostas atividades de interpretação, compreensão, discussão dos textos e a análise da linguagem.

A parte “Produção de textos” trabalha o gênero a ser produzido por escrito ou oralmente; “Para escrever com expressividade” propõe atividades de análises linguísticas; “A língua em foco”, tratam dos conhecimentos da gramática normativa da língua portuguesa; “De olho na escrita”, propõe atividades de ortografia; “Divirta-se” oferece jogos, curiosidade, tirinhas e charges. E, “Intervalo” propõe a execução de projetos.

Observamos que as divisões dos capítulos não são uniformes. Há alguns capítulos que não apresentam todas as seções mencionadas, como se pode observar no quadro 01

Outro ponto que pode ser observado no quadro 02, é a especificação das modalidades de escrita, instâncias de produção e circulação, a tipologia e os gêneros propostos para o aprendizado dos alunos em cada unidade do livro. O LD Português - Linguagens apresenta uma diversidade de gêneros textuais para leitura, tanto textos literários, quanto gêneros produzidos em contextos de uso das tecnologias de comunicação. Já os gêneros propostos para a produção de textos são menos numerosos conforme se observa no quadro 02:

:



**Quadro 01: Títulos das unidades e seções que compõem cada capítulo do Livro Didático de Língua Portuguesa.**

<b>Unidades</b>	<b>Capítulos I</b>	<b>II</b>	<b>III</b>
I- Caia na rede!	a) Produção de texto. b) para escrever com expressividade. c) a língua em foco d) de olho na escrita. e) divirta-se.	a) Estudo do texto, b) produção do texto c) a língua em foco d) de olho na escrita e) divirta-se.	a) Estudo do texto b) produção de texto c) língua em foco. d) divirta-se e) INTERVALO projeto: Jovem: o que você quer?
II- Amor	a) Estudo do texto b) produção de texto c) para escrever com expressividade d) a língua em foco e) divirta-se.	a) Produção de texto b) língua em foco c) de olho na escrita d) divirta-se.	a) Estudo do texto b) produção de texto c) língua em foco. d) de olho na escrita (tem ou têm? Vem ou vêm?) e) divirta-se f) INTERVALO projeto: Quem conta um conto aumenta um ponto!
III - Ser jovem	a) Estudo do texto b) para escrever com expressividade c) a língua em foco d) divirta-se.	a) Produção de texto b) a língua em foco c) de olho na escrita (c, ç ou ss?) d) divirta-se.	a) Estudo do texto b) produção de texto c) a língua em foco. d) de olho na escrita. (ou i? o ou u?) e) divirta-se f) INTERVALO projeto: Jovem: cadê sua opinião.
IV- Nosso tempo	a) Estudo do texto b) produção de texto c) para escrever com coerência e coesão d) a língua em foco e) divirta-se	a) Produção de texto b). Para escrever com coerência e coesão c) a língua em foco d) de olho na escrita e) divirta-se.	a) Estudo do texto b) produção de texto c) a língua em foco. d) de olho na escrita. e) divirta-se. f) INTERVALO projeto: No nosso tempo.



**Quadro 2** - Especificação modalidades de escrita, instâncias de produção e circulação, tipologia e os gêneros propostos em cada unidade do livro -

	<b>Instância de produção-circulação</b>	<b>Tipo</b>	<b>Gênero</b>	<b>Unidades</b>
<b>Modalidade Escrita</b>	Privada	-----	Bilhete	II
			Convite	IV
			Piada	II, III
	Pública	Literário e/ou ficcional	Poesia/Poema	I, II, III, IV
			Contos	I, II, IV
			Crônicas	I, II, III, IV
			Letra de música	IV
			Biografia	II, III, IV
			História em quadrinhos	I, II, III
			Jurídico (???)	Depoimento
		Jornalístico	Tirinha	I, II, III, IV
			Cartum	III, IV
			Reportagem	I, IV
			Anuncio publicitário	I, II, III, IV
			Propaganda	I
			Editorial	I
			Artigo de opinião	III
		Piada	II, III	
		Escolar	Redação	IV
		Cinematográfico	Filme	I, II, III
			Fotografia	II, III, IV
			Projeto/ Produzindo Jornal	I
			Projeto: quem conta um Conto aumenta um ponto!	II
		Projeto jovem: cadê sua opinião	III	
		Projeto no nosso tempo		
	<b>Modalidade oral</b>		Debate regrado público (produção de texto oral).	III

Ao realizarmos uma breve análise quantitativa dos tipos de atividades propostas no livro, notamos que em 12 capítulos no total, as atividades de produção textual aparecem 12 vezes, as que abordam estudo do texto aparecem 8 vezes e as atividades que focam no domínio da norma padrão da língua (gramática e ortografia) aparecem 20 vezes

São apresentadas atividades de produção textual com nove diferentes gêneros textuais. Gêneros, cuja produção e circulação se dão em esferas públicas. Tais atividades materializam o que já orientava Geraldi (2011) sobre o papel da escola e da aula de LP em contribuir para que os estudantes aprendam a ler e produzir textos orais e escritos que circulam e são produzidos em instâncias públicas de comunicação.

No quadro 3, dos nove gêneros textuais propostos nas atividades, um gênero é do tipo literário (conto), todos os demais são gêneros do tipo argumentativo-dissertativo, cujo foco está no desenvolvimento de competência crítica, de análise, comparação de informações, em elaboração de argumentos com objetivo da defesa de um ponto de vista, exceto, o editorial e a reportagem. O primeiro, com características predominantes de comparação e síntese das informações e no segundo predomina a narração e descrição de eventos.

**Quadro 03** - Gêneros textuais propostos para produção de textos no livro didático de Português: Linguagens

Unidade	Capítulo	Gênero	Atividades
1	1 e 2 (pp. 13, 32)	Reportagem	Forme grupos para produzir uma reportagem sobre o tema: os jovens de hoje e a tecnologia.
	3	Editorial	Escolha uma das turmas sugeridas a seguir ou outra que queira. Converse com outras pessoas-jovens e adultos sobre o tema escolhido. Você poderá também pesquisar o assunto em jornais e revistas da atualidade. Depois, defina qual será a sua opinião em relação ao tema. A seguir, anote no caderno os argumentos (a favor ou contra) e rediga um editorial, que depois fará parte do jornal que, em grupo, você deverá montar e expor no projeto jovem: o que você quer? Do capítulo intervalo.
2	1	Conto	Apresentamos a seguir o início de três contos de escritores brasileiros. Escolha um deles e dê continuidade à narrativa. Se preferir escreva um conto com um assunto diferente dos propostos.
	2	Conto	Escolha um dos inícios de conto a seguir e dê continuidade à história, empregado o tempo cronológico.
2	3	Conto	Escreva um conto sobre o assunto que quiser. Você poderá escrever um conto tradicional, ou um que subverta a estrutura convencional do conto, ou um conto fantástico, como o de Ignácio de Loyola Brandão, um conto construído a partir de gêneros (por exemplo, a partir de mensagens do Facebook), ou um que tenha duas partes, cada um narrado do ponto de vista de uma personagem, ou ainda que faça uso somente de substantivos. E poderá também escrever alguns minicontos, como os lidos.

3	1	O debate regrado público	Com a orientação do professor, participe com os colegas de debate regrado sobre o tema: O celular na sala de aula: Vilão ou evolução pedagógica. Para ampliar as informações que você tem sobre o assunto, leia o painel de textos a seguir.
	2	O debate regrado público: o papel do moderador	Leia o painel de textos que seguem, consulte outras fontes de informação a fim de se informar melhor sobre o tema e depois participe de um debate regrado com os colegas.
	3	O artigo de opinião	Imagine que, como adolescente, você tenha sido convencido (a) por um blog para escrever um artigo de opinião com base no tema: Gravidez na adolescência: O papel da família, da escola, da mídia e do governo na conscientização dos jovens, já debatido por você e seus colegas no capítulo anterior. O seu texto compõe uma seção especial do blog com artigos de opinião diversos sobre o mesmo tema, escritos por médicos, por professores e estudantes, entre outros. E a proposta é que você seja o representante dos adolescentes, isto é, com base na sua experiência, escreva um texto expondo sua opinião e visão do assunto. Depois de pronto, você pode de fato publicar o seu texto em blog coletivo da classe, ou em um espaço de rede social, ou ainda o expor em um mural na escola
4	1	O texto dissertativo argumentativo	Você acha que, no Brasil, existe preconceito racial? Se sim, acha que ele é assumido ou revestido? Leia, a seguir, o painel de texto sobre o assunto para melhores informações. Depois escreva um texto dissertativo-argumentativo a partir do seguinte tema: Brasil: um país sem preconceito.
	2	O texto dissertativo argumentativo.	Quando o assunto é televisão no Brasil, as opiniões são controversas. Há, por um lado, os que admiram nossa TV, com produções exportadas para inúmeros países, profissionais reconhecidos internacionalmente, informação, entretenimento e cultura acessíveis a grande parte da população. Por outro lado, há aqueles que discordam desse posicionamento. Trata-se de um tema polêmico. A fim de informar melhor sobre o assunto, leia o painel de textos a seguir. Depois escreva um texto argumentativo-dissertativo sobre <b>o papel da televisão na sociedade brasileira</b>
	3	O texto argumentativo: continuidade e progresso	Nos dias atuais, crianças e adolescentes têm praticado ativamente nas redes sociais on-line. Para ampliar seus conhecimentos sobre esse assunto e se preparar melhor para produzir um texto dissertativo sobre o tema, leia o painel de textos a seguir.

Dessa forma, observamos que o livro traz vários gêneros, como o texto dissertativo argumentativo para produção de textual, como sugere Geraldí (2011), que as práticas de produção textual do 9º ano abordem temas que possibilitem desenvolver o pensamento crítico e estejam ligados a vida cotidiana, como: “economia e política”, “regimento escolar” e “carta-emprego” (p. 73). Assim, a proposta de produção deve ser a partir de texto em que o aluno possa dar a sua opinião e desenvolver a competência discursiva.

Compreende-se assim, que os gêneros propostos pelo livro para o ensino são de grande importância para o desenvolvimento dos educandos e que as temáticas são favoráveis para a formação crítica do aluno. No entanto, ainda é necessário a proposição de atividades que dialoguem com a realidade dos estudantes do campo. Visto que os estudantes precisam escrever textos que sejam relacionados a situação real de suas vidas na comunidade, pois não há como

desenvolver um pensamento questionador sem não é ensinado e nem praticado a reflexão sobre a nossa própria realidade.

Alguns gêneros possíveis seriam: formulário, projeto, relatório, questionário, pesquisa de preços, orçamentos, ficha de inscrição, formulário de inscrição do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). O gênero formulário, em específico, é importante, pois ajudam os alunos a realizarem a inscrição do ENEM, e demais outros processos burocráticos.

Destarte, o projeto incentiva o aluno na participação das atividades, proporciona melhor desempenho nas interações sociais no decorrer e após o período de interação e execução. No 9º ano, o trabalho com o relatório contribui para a organizar seus trabalhos de pesquisas e a construir disciplina. A partir do gênero orçamento, o aluno ajuda os seus pais a organizarem os gastos mensais ou anual domésticos e de produção, sendo uma forma de dialogar com a educação financeira.

Faz-se importante, também, trabalhar o gênero seminário, pois assim os alunos terão a oportunidade de desenvolver a oralidade e conseqüentemente facilidade na apresentação dos trabalhos no ensino médio. Quanto ao comando das produções de textos, percebemos que há uma abordagem interacionista da linguagem, pois as atividades de produções são realizadas em grupos, os autores indicam o gênero, a finalidade, os interlocutores, suporte e circulação dos textos produzidos pelos alunos.

Desse modo, nossa análise se concentra na reflexão sobre a proposta de produção de textos apresentada na unidade I, com a produção do gênero reportagem proposto para a produção textual, gênero conhecido pelos alunos e que tem maior circulação fora da escola.

A unidade 1 em seu primeiro capítulo, nomeado “O registro de mim”, tem início com a fotografia das atividades de leitura e interpretação. Para a proposta de produção de texto, os autores trazem a reportagem para os dois primeiros capítulos. Iniciam com a apresentação de vários gêneros discursivos de domínio jornalístico. Com o intuito de explorar o gênero para facilitar a produção, sugerem a leitura e interpretação de um texto de título “Teclar demais no celular pode causar “*WhatsAppinite*” de Stephanie Silveira. Propõe-se a formação de grupos, para a realização das atividades e apresentem o tema: “Os jovens de hoje e a tecnologia”, como mostra a figura abaixo. A temática proposta para redação é relevante para o aluno, pois ele pode refletir como usar a tecnologia para suas aprendizagens.

Figura 5 - Atividade de produção de texto.

**AGORA É A SUA VEZ** ▶

Forme com colegas um grupo para produzir uma reportagem sobre o tema: **Os jovens de hoje e a tecnologia**.

Vocês poderão desenvolver um ou alguns dos diferentes aspectos que envolvem o tema. Eis alguns deles:


- Problemas de saúde decorrentes do uso exagerado da tecnologia, como dores lombares e tendinites resultantes da má postura diante do computador de mesa
- Deficit de atenção por causa do alto número de horas usando o computador ou navegando na Internet
- Problemas de socialização resultantes da preferência por contatos e relacionamentos virtuais
- A baixa qualidade do que se vê na Internet e a falta de outras fontes de informação
- A obrigação de estar nas redes sociais e ficar todo o tempo conectado

Se quiserem, abordem outro aspecto relativo ao tema.

A reportagem será incluída no jornal que o grupo deverá montar e expor no projeto **Jovem: o que você quer?**, do capítulo **Intervalo**.

**Planejamento do texto**

- Delimitem o tema, escolhendo o(s) aspecto(s) que querem desenvolver.
- Escolham o enfoque que darão ao tema: informativo, crítico ou apontando aspectos positivos e negativos, etc.
- Procurem informações em jornais, revistas, livros e na Internet. Reünam textos que tratem do assunto e, se possível, façam entrevistas com adolescentes que gostam de tecnologia.
- Organizem o material obtido e escrevam a reportagem procurando transmitir junto com as informações o ponto de vista da equipe sobre o assunto, assim como o dos entrevistados.
- Procurem estabelecer conexões entre o assunto principal e assuntos paralelos, por meio de citações, reprodução de trechos de entrevistas, boxes informativos, estatísticas, fotografias, etc.
- Utilizem uma linguagem objetiva e direta e empreguem uma variedade linguística de acordo com a norma-padrão.
- Tenham em mente o leitor da reportagem — colegas, professores e funcionários da escola, familiares e amigos que serão convidados a visitar a mostra que a classe montará no capítulo **Intervalo**.
- Planejem o aspecto visual da reportagem, isto é, como será a distribuição dos textos, das fotos, etc. Lembrem-se de que as fotos devem ser acompanhadas de legendas e do crédito do fotógrafo. Deem à reportagem um título que atraia a atenção do leitor e, ao mesmo tempo, seja o anúncio do assunto. Se necessário, criem também um subtítulo.
- Montem a reportagem.



**Revisão e reescrita**

Concluída a produção da reportagem, releiam-na, observando:

- se ela apresenta informações, opiniões e diferentes pontos de vista sobre o assunto;
- se há conexões entre o fato principal e fatos paralelos, estabelecidas por meio de citações, reprodução de trechos de entrevistas, boxes informativos, gráficos, infográficos, fotografias, etc.
- se a linguagem está de acordo com a norma-padrão e com o perfil do leitor a que se destina o jornal.
- se o título é atraente.

Após modificar o que for necessário, sugerimos digitar e diagramar o texto, preferencialmente em colunas, como costumam ser publicadas as reportagens. Se possível, peçam auxílio ao professor de Informática para resolver dúvidas quanto à diagramação e à inserção de imagens, boxes, etc.

16

Fonte: Cereja, William Roberto. 2015.

Indicam o destino para os textos produzidos, dizem que a reportagem será incluída no jornal que o grupo deverá montar e expor no projeto: “O que você quer”? Para o planejamento, é sugerido que os alunos pesquisem e mostrem diversas formas de pesquisas que orientam a revisão e reescrita do texto. A revisão e reescrita são estratégias importantes na produção textual, entre outras estratégias relevantes para a escrita, observamos os requisitos: para quê, para quem, para qual suporte, contexto de circulação e em que variação os alunos devem escrever.



As atividades de análise linguística são sobre discurso direto e indireto, realizadas através de trecho do texto apresentado para leitura e interpretação, no início do capítulo. A respeito disso, Geraldi (2011) diz que as atividades de análise linguísticas devem partir do texto do aluno, não do texto do “fazedor de livros didáticos” (GERALDI, 2011, p. 73). Nesse sentido, seria interessante o professor da turma propor atividades de produções de acordo com a realidade dos alunos e a partir de suas produções, trabalhar análise linguística. Por fim, a seção “Divirta-se com atividades lúdicas. O livro também continua com atividades sobre discurso direto e indireto como mostra a figura abaixo:

**Figura 6** -Atividade De Análise Linguística.

**Para escrever com expressividade**

**O DISCURSO CITADO NOS TEXTOS JORNALÍSTICOS**

Releia o seguinte trecho da reportagem “Teclar demais no celular pode causar ‘WhatsAppinite’”.

Segundo o ortopedista Mateus Saito, do Instituto de Ortopedia e Traumatologia da USP, a ‘WhatsAppinite’ é mais comum do que se imagina e o número de pessoas atingidas cresce diariamente.

“Muitos profissionais tentam transformar o smartphone num escritório portátil, mas esses aparelhos não estão adaptados a um uso tão constante e repetido.”

Saito ressalta que uma das formas de evitar problemas é utilizar smartphones e tablets para consumir informação e não para produzir textos longos.

“A interface desses aparelhos ainda precisa melhorar. Não dá para substituir um computador quan-

do se quer saúde para as mãos.”

O fisioterapeuta Rodrigo Peres diz que, para usuários constantes de dispositivos móveis, é importante fortalecer os músculos.

“Exercícios localizados e fisioterapia ajudam a reduzir as dores.”

Outras dicas são alternar as posições de uso e usar compressas geladas para amenizar o processo inflamatório.

O reumatologista José Ribamar Moreno, especialista em dor, recomenda que, caso seja necessário teclar por mais de 45 minutos, sejam feitos intervalos de 15 minutos. Segundo ele, há fatores que podem gerar mais risco de desenvolver tendinite.



“Gravidez, obesidade, estresse, tabagismo e sedentarismo são fatores de risco. É importante não somar fatores.”

1. Há, no trecho, outras vezes além da do jornalista que noticia o fato. De quem são essas outras vezes?
2. As vozes de outras pessoas podem ser reproduzidas de duas formas: pelo discurso direto e pelo discurso indireto. Observe os cinco primeiros parágrafos do trecho lido.
  - a) Em qual(is) deles a fala do especialista Mateus Saito é reproduzida integralmente?
  - b) Que sinal de pontuação foi utilizado para demarcar a fala do especialista?
3. No 1º parágrafo do trecho, foi empregada uma palavra que reforça a ideia de que a informação é do especialista e não do jornalista. Qual é essa palavra?
4. Que palavra, empregada no 3º parágrafo, é utilizada para acrescentar mais informações?
5. Os procedimentos utilizados para introduzir a fala do médico Mateus Saito também são utilizados para introduzir as falas do fisioterapeuta Rodrigo Peres e do reumatologista José Ribamar Moreno? Explique.
6. Levante hipóteses: Por que a jornalista optou pelo procedimento de intercalar o discurso direto e o indireto para reproduzir a fala de pessoas entrevistadas?
7. Todo discurso é produzido numa situação específica e envolve aspectos como: quem está falando, com quem, com que finalidade, em que lugar, em que momento, etc. Os jornais geralmente assumem um compromisso com a verdade e, por isso, se propõem a relatar os fatos de modo imparcial, isto é, exatamente da forma como aconteceram, sem distorcê-los.
  - a) No trecho da reportagem lido, predomina no discurso da jornalista a 1ª ou a 3ª pessoa? Justifique sua resposta.

**17**

O capítulo dois desta unidade nomeado “Posto... Logo, existo” é iniciado com leitura e interpretação do texto de título “*Selfies*” de Marcelo Coelho. A proposta de produção de texto é a mesma do primeiro capítulo, e os mesmos encaminhamentos. Iniciam os estudos gramaticais com o conceito de pronome relativo na seção a língua em foco, a seção de olho na escrita, trabalham os adjetivos composto como mostra as figuras abaixo:

**Figura 7** - Atividade gramaticais.

Reúna-se com seus colegas de grupo e escolham para tema da reportagem um destes assuntos:

- O movimento hippie e o Flower Power
- As bandas dos Beatles, dos Rolling Stones e Bob Dylan
- O festival de rock Woodstock
- Movimentos musicais brasileiros: o grupo Opinião, a Bossa Nova, a Jovem Guarda e o Tropicalismo
- O cinema novo, o Teatro de Arena e o Teatro Oficina
- Nos Estados Unidos, protestos contra a Guerra do Vietnã; no Brasil, protestos contra o regime militar
- Os movimentos estudantis
- Che Guevara

Escolhido o assunto, sigam as instruções quanto ao planejamento do texto e à revisão e reescritas dadas no capítulo anterior, na página 16, adaptando-as para essa proposta.


**A língua em foco**

**O PRONOME RELATIVO**

**CONSTRUINDO O CONCEITO**

Leia o anúncio abaixo.

Você merece uma tinta que supera tudo.  
Inclusive as expectativas.



Até pagamos uma preceito...  
mas sempre existe mais que a cor dela.  
então, o resultado, o brilho, as  
texturas, a forma, tudo isso para ser  
uma pintura realmente a sua. Não é  
mais que o resultado de um grupo  
de pessoas que trabalham juntos.  
Mas que fazem as melhores pinturas  
de qualidade que você tem direito.  
Qualidade, colorido, variedade e  
durabilidade. Tudo isso em uma  
e resultado de tudo isso.

Luxcolor

(Veja Luxo, junho 2014)

Fonte: Cereja, William Roberto, 2015.

**Figura 8** - Atividade gramaticais.

**de OLHO na escrita**

**PLURAL DOS ADJETIVOS COMPOSTOS**

Leia este poema:

**Bem-querer benquerendo**

Nem em pé-d'água  
 Em pé de atleta  
 Em pé de cabra  
 Em pé de boi ou de galinha  
 Em pé-de-meia  
 Ou de moleque  
 Nem sequer em pé de pato  
 Não não entra o sapatinho  
 Vermelho-sangue  
 Todo lindo  
 De rubi  
 Feito só pra os pezinhos  
 Delicados de meu bem.  
 Pés de moça tão diletta  
 Digna do meu bem-querer.  
 Breque!  
 Ora escrevo diferente:  
 Bem te quero  
 Assim sem hífen  
 Bemquerer assim pertinho  
 Pra aquecer o amor da gente



Bemquerer assim sem hífen  
 pra que sempre  
 ele esquente  
 O meu coração pé-frio!

(Felipe Stucchi de Souza, aluno do 3º ano do ensino médio)

**dileto**: preferido na estima, na afeição; querido de modo especial; amado.

- No poema há uma série de palavras em cuja composição entra a palavra **pé**. Observe-as e responda:
  - Como essas palavras se classificam?
  - Como se faz o plural dessas palavras?
- Por que, de acordo com o eu lírico, o sapatinho não entra em nenhum dos "pés" citados?
- Justifique o título do poema.
- Há no poema dois adjetivos compostos.
  - Identifique-os.
  - Como eles ficariam se o substantivo que eles acompanham estivesse no plural?
- O poema tem um ritmo bem marcado. No último verso, entretanto, houve uma quebra no ritmo. Relacione essa quebra rítmica ao sentido do verso.

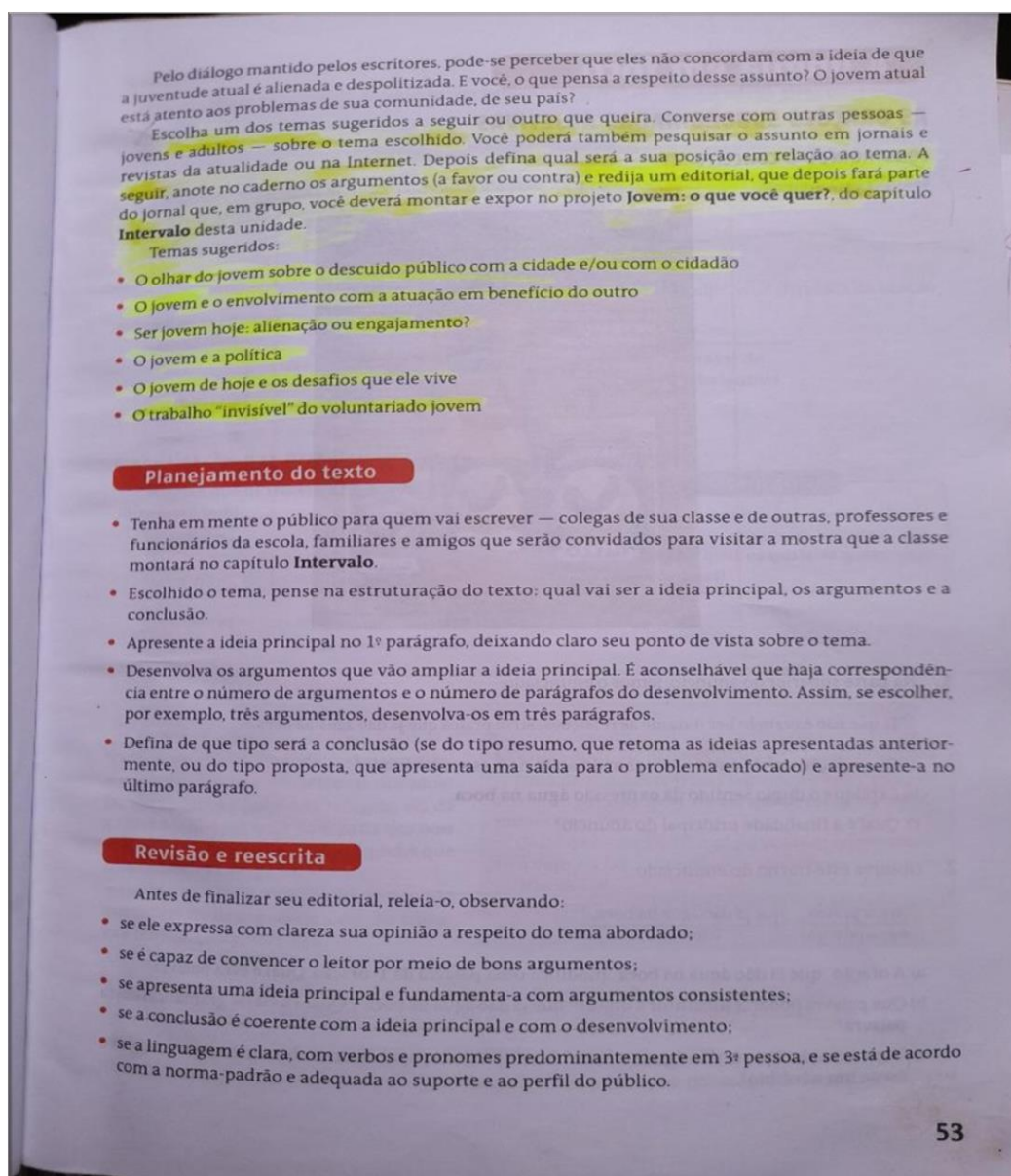
43

**Fonte:** Cereja, William Roberto, 2015.

O capítulo três nomeado "Eu: entre o real e o ideal" traz a crônica de título "Perfis de redes sociais são retratadas ideias de nós mesmos", para o trabalho com a leitura, compreensão, interpretação, estudo da linguagem do texto e leitura expressiva. Os autores apresentam instruções para a leitura expressiva, sendo as atividades realizadas em dupla. A proposta de produção é o editorial que fará parte da exposição do projeto "Jovem: O que você quer? No capítulo intervalo, traz o planejamento e orientações para revisão e reescrita do texto, como mostra a figura abaixo:



**Figura 9** - Atividade de produção de texto.



Fonte: Cereja, William Roberto, 2015.

Após essas atividades o livro traz o conceito das orações subordinadas adjetivas, faz a introdução do assunto usando o gênero anúncio como mostra a figura abaixo:


Figura 10: Atividade gramaticais.

**A língua em foco**

**AS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS**

**CONSTRUINDO O CONCEITO**

Leia este anúncio:



(Prazeres da Mesa, nº 22.)

- Na parte superior do anúncio, lemos o enunciado:
 

"Já que não é certo beber durante as refeições, sirva pratos que já dão água na boca."

  - Que relação existe entre a imagem do anúncio e esse enunciado?
  - Explique o duplo sentido da expressão **água na boca**.
  - Qual é a finalidade principal do anúncio?
- Observe este trecho do enunciado:
 

sirva pratos	que já dão água na boca
oração principal	2ª oração

  - A oração "que já dão água na boca" modifica uma palavra da 1ª oração. Qual é essa palavra?
  - Que palavra poderia substituir a oração "que já dão água na boca"? Qual é a classe gramatical dessa palavra?
  - Logo, a oração "que já dão água na boca" desempenha o papel de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio?

54

Fonte: Cereja, William Roberto., 2015.

Assim, verificamos que o livro traz bons textos para a produção no 9º ano, mas, o professor usando de sua autonomia em sala de aula, pode propor atividades que dialoguem com a realidades dos alunos camponeses.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos ao longo deste trabalho informações sobre estudantes oriundos da comunidade da Vila Açaizal que frequentam o 9º ano do ensino fundamental na escola municipal Pequeno Cristo. Localizada na rua Nova Jerusalém, s/nº em São Domingos do Araguaia-Pa. Vimos que estes alunos têm uma realidade camponesa que demanda que eles tenham contato com os gêneros como: ficha de inscrição, formulário, projeto, orçamento, convite, seminário, debate regrado.

A fim de refletir sobre como o ensino nesta turma dialoga com a realidade destes alunos, analisamos o livro didático e focamos na produção de texto. Observamos que cada capítulo do livro apresenta uma atividade de produção de texto, cujos temas são voltados para reflexão sensível como: preconceito, os jovens de hoje e a tecnologia, os movimentos estudantis, o olhar do jovem sobre o descuido público com a cidade.

Como colocamos na introdução deste trabalho, o objetivo da pesquisa foi o de refletir sobre a relação entre as atividades de produção de textuais propostas no livro didático e como essas atividades poderiam dialogar com a realidade dos estudantes do campo. Na análise, observamos que o livro traz textos com potenciais de trabalhados em sala de aula para o desenvolvimento de competências necessárias à aprendizagem.

Portanto, concluímos que é necessário haver projetos na escola de inclusão de saberes, de diálogo entre ele. A escola precisa desenvolver pesquisas nas comunidades com a participação ativa dos sujeitos, registrando os saberes dos povos camponeses e incluí-los no currículo escolar, de forma a tratar em pé de igualdade os conhecimentos das comunidades com os conteúdos curriculares.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: Outra escola possível** / Irandé Antunes, São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. **Territórios educativos na educação do campo: escola, comunidade e movimentos sociais**. (Org.). Maria Isabel Antunes-Rocha, Maria de Fátima Almeida Martins, Aracy Alves Martins, 2. Ed. – Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2012.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **A escola do campo e a pesquisa do campo: metas**. In: **MOLINA, M. (org.). Educação do Campo e pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Por uma educação do campo. (org.). **Roseli Salette Caldart, Mônica Castagna Molina 5. Ed.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. Arquivo da escola V. F. Holanda

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2014. Brasil. Lei Darcy Ribeiro (1996). LDB: Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 9.394, de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional; e legislação correlata. – 2. Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

CALDART, Roseli Salette. **Dicionário da Educação do Campo**. (Org.). Roseli Salette Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salette; PALUDO, Conceição; DOLL, Johannes (Org.). **Como se formam os sujeitos do campo? Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores**. Brasília: PRONERA: NEAD, 2006.

CEREJA, William Roberto. **Português linguagens, 9º ano** / William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 9. Ed. reform. – São Paulo: Saraiva, 2015.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 5ª ed. São Paulo: Editora WMF. Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. Unidades básicas do ensino de português. In: **O texto na sala de aula**. (Org.). João Wanderley Geraldi. 5ª ed. São Paulo: Ática 2011.

\_\_\_\_\_. Concepções de linguagem e ensino de português. In: **O texto na sala de aula**. (Org.). João Wanderley Geraldi (org.) 5ª ed. São Paulo. Ática 2011.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e escrever: estratégias de produção textual** / Ingedore Villaça Koch, Vanda Maria Elias. 2, ed. 5ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2018.

LOPES, S. Raimunda. **Evasão na Educação de Jovens e Adultos**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará/ Polo Marabá. Faculdade de Educação do Campo. 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio, **Produção textual, análise de gêneros e compreensão** / São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUZZO, Juliana Luisa e RAMOS, Marília Patta. **A definição de rural e urbano e o desenvolvimento regional: uma avaliação de diferentes metodologias de classificação.** Santa Cruz do Sul, RS- BRASIL, 2005.

MOREIRA, Antônio Flávio e CANDAU, Vera Maria. Currículo, Conhecimento e Cultura. In: BEAUCHAMPO, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise e NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Org.). **Indagações sobre currículo.** Brasília, Ministério da educação. Secretaria da Educação Básica, 2007. P. 17-48.

NERIS, Maria de Lourdes. **Notas de diário de campo.** Marabá-PA, 2017.

\_\_\_\_\_. **Notas de diário de campo.** Marabá- PA, 2015.

\_\_\_\_\_. **Notas de diário de campo.** Marabá- PA, 2019.

PLOEG, Jan Douwe Van Der. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era globalização.** Trad. Rita Pereira – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

PONTE, Karina Furini da. **(Re) pensando o conceito do rural.** Revista Nera. 2004 7. Nº 4- janeiro/julho de 2004.

PRONERA, **Decreto nº 7.352**, de 4 de novembro de 2010: dispõe sobre a política de educação de campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Brasília, 2010.

ROJO, R. **Livro didático da língua portuguesa, letramento e cultura da escrita (org.).** Roxane Rojo, Antônio Augusto Gomes Batista, Campinas, SP. Mercado de letras, 2003.

ROJO, R. O perfil do livro didático de língua portuguesa para o ensino fundamental (5ª a 8ª séries) **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita** / Roxane Rojo e Antônio A, G, Batista (org.) – Campinas, SP. Mercado de Letras, 2003.

TEIXEIRA Junior, Tiese. **Estudos amazônicos: ensino médio** / Tiese Teixeira júnior – 1.ed. – Curitiba: Editora Prismas, 2006.

VAL, M.G.C. Atividades de produção de textos escritos em livros didáticos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental. In: Rojo R; Batista, A.A. (Org.) **Livro didático de Língua Portuguesa, Letramento e Cultura da escrita** – Campinas SP: Mercado das Letras, 2003.